ANO I. LISBOA—SABADO, 11 DE FEVEREIRO DE 1922 N.º 264

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

A' margem da politica

Em Portugal, os homens publicos costumam ter uma aura de curta duração. A Republica, como de resto já sucedia no regime deposto, tem-se empenhado em inutilizar sistematicamente algumas vontades que chegam ao Terreiro do Paço apetrechadas para a luta e que a breve trecho se vêem obrigadas a cèder o logar a outros — que não hesitam em preparar uma rede de intrigas e maledicencias para atingir os seus fins. Uns após outros, a Republica tem sacrificado na ara dos odios e dos interesses que não têm limite, alguns homens que teriam prestado o melhor do seu esforço em beneficio da grei, se cada português não se sentisse fadado para grandes destinos.

Temos agora precisamente um exemplo que merece ser ponderado. O dr. Brito Camacho, que ha um ano partiu para Moçambique com a esperança firme de poder tornar-se util ao seu país, no desempenho de um alto cargo da Republica, já se diz que terá de abandonar o seu posto, por se terem voltado contra ele as laminas afiadas de certos interesses. O dr. Brito Camacho, uma das inteligencias mais cultas do regime, não poderá levar a cabo o seu plano de desenvolvimento da nossa grande colonia da Africa Oriental, porque a isso se opõem aqueles que viram os seus interesses afectados pela acção do Alto Comissario.

Emquanto o funcionalismo da colonia reclamava o pagamento integral dos seus ordenados em ouro, o Alto Comissario, tendo diante dos olhos o grande *deficit* da provincia — que ameaçava subverter todas as receitas — pensou em diminuir a percentagem dos pagamentos em ouro, a fim de equilibrar o orçamento de Moçambique. Ergueu-se logo um clamor de protestos, que tinha o objectivo claro e definido de empatar a acção do Alto Comissario. Aos protestos do funcionalismo civil vieram juntar-se os do funcionalismo militar. O dr. Brito Camacho pretendia pôr cobro a certas comissões de serviço, que rendiam chorudos proventos a alguns oficiais do exercito que o *Diario do Governo* tinha despachado para Moçambique em confortaveis camarotes de 1.ª classe.

Vendo que a unica maneira de fazer face ao *deficit* da provincia era aumentar as receitas, o sr. dr. Brito Camacho pensou igualmente em lançar contribuições sobre o comercio e a industria. Ora, pelo visto, o comercio e a industria não estavam muito dispostos a contribuir para debelar o *deficit*, porque logo outra vaga de protesto surgiu contra as determinações do Alto Comissario.

Tambem o dr. Brito Camacho entendeu que devia substituir dois governadores de provincia — motivo porque estalou novo conflito, este de caracter politico, incompatibilizando o Alto Comissario com as pessoas de um partido que em Moçambique tem os seus adeptos.

O que agora se está passando tinha fatalmente que suceder. E' destino dos nossos homens publicos vêrem o seu esforço inutilizado pela intriga e pelos baixos interesses que se movem sempre ao seu derredor. Quando não transigem, morrem. E o dr. Brito Camacho não é homem para transigir. Devemos-lhe esse preito de justiça.—*X*.

ANTES DO BAILE

ELE — Sempre tens hoje uma cara!
ELA — Se tu soubesses como é aborrecido a gente divertir-se todos os dias!

DO sr. dr. Augusto de Vasconcelos recebemos uma carta, que a seguir publicamos, em que declara não ter qualquer sombra de fundamento a referencia que o nosso entrevistado de ontem, o sr. Jaime Teixeira, fez ao seu nome, a proposito dum discurso do deputado da União Sul Africana Sir Abbe Bailey.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1922

Sr. director do *Diario de Lisboa*

No seu numero de hoje vem publicada uma entrevista com o sr. Jaime Teixeira, em que sou atacado por não ter protestado contra um discurso proferido pelo deputado da União Sul Africana Sir Abbe Bailey, numa sessão, *a que eu teria assistido*. Foi mal informado esse senhor. Não assisti, nem a essa, nem a nenhuma sessão do Parlamento da União. No dia em que cheguei a Cape-Town, ainda a bordo, recebi um amavel convite do sr. general Smuts para um almoço, que se realizava nesse mesmo dia, á 1 hora da tarde, no «restaurant» do Parlamento. Depois do almoço, o sr. general Smuts acompanhou gentilmente os seus convidados numa visita ao edificio do Parlamento. Estivemos na Sala das Sessões, então vasia. Só dias depois, em Lourenço Marques, soube da grosseira agressão do sr. Abbe Bailey pelos jornais da União, que já publicavam os protestos dos nossos amigos e em especial a patriotica replica, tão vigorosa quanto solidamente argumentada do nosso vice-consul em Johannesburgo, sr. Ferreira. O sr. Abbe Bailey, deputado, homem rico, [illegible] especie de im- [illegible] severa reprimenda. Talvez fosse bom, quando se acusa, ser escrupuloso nos fundamentos da acusação.

Agradecendo a v. a publicação destas linhas, subscrevo-me de v., etc.

Augusto de Vasconcelos

* * *

LEAL da Camara ofereceu ontem, na sua artistica casa da rua do Seculo, um jantar ao seu amigo Ramiro de Maeztu, o ilustre jornalista espanhol que tão inteligentemente aprecia as coisas de Portugal. Tanto êle como sua esposa, a sr.ª D. Julia Leal da Camara, foram de uma gentileza que cativou todos os convivas, entre os quais se contavam os srs. Aquilino Ribeiro, Gualdino Gomes, dr. Rodrigues Pereira, André Brun, major Amorim e dr. Joaquim Manso.

* * *

EM Paris, descobriu-se uma quadrilha que fabricava notas falsas para os paises de numerario desvalorizado — Portugal, Austria, Romania e Polonia. Com o nosso descredito, os bandidos vão alargando os seus conhecimentos. Já sabem que nós vivemos no regime da moeda-papel e que podemos ser intrujados facilmente. A finança internacional abandona-nos — motivo mais que bastante para que o banditismo nos procure.

* * *

COM muita satisfação, devemos declarar que as palavras que dedicamos á miseria de tantos lares abandonados e á penuria dos hospitais veem despertando simpatias tais que, dentro de pouco, poderemos anunciar, nas colunas do *Diario de Lisboa*, uma boa colheita de donativos.

* * *

A ALEMANHA, apenas percebeu que tinha de resignar-se a perder a guerra, decidiu adotar uma maneira de viver mais livre e brejeira. Vê-se que a moral, além-Reno, não era uma conquista do progresso. Fundava-se numa certa falta de vergonha.

UMA linda actriz londrina casou, durante a guerra, com um filho segundo da nobre casa de Lewster. Como o casal não era abastado dos bens da fortuna, continuou ela a sua carreira teatral.

Ha dias, porém, sucumbiu o primogenito dos Lewster, que tinha o titulo de duque, e Miss May Etheridge, visto que seu marido é o herdeiro dos titulos, rendas e capitais da casa, surge agora duquesa.

Se ela não estivesse habituada a fazer teatro, havia de supôr que a sua vida se desolvia numa *féerie* encantadora.

* * *

SE o Congresso da Republica aceitar a renuncia do chefe de Estado, o que não é muito provavel, consta-nos que o candidato do partido democratico será o sr. dr. Teixeira Gomes, ministro de Portugal junto do governo inglês. Para ocupar a legação de Londres, que seria elevada á categoria de embaixada, fala-se muito no nome do sr. dr. Afonso Costa, que não se recusaria a sair de Paris para ocupar aquele alto cargo diplomatico.

* * *

DA Biblioteca comunicam-nos não ser verdadeira a informação que ontem demos de que [illegible] Ricardo Jorge, e *D. Pedro V*, do dr. Julio de Vilhena. Convem dizer [illegible] Biblioteca Nacional, quando [illegible] livros, obedece a uma lei que tem de cumprir, sem se preocupar com as pessoas.

* * *

HOMEM Christo, filho, fez em Paris, na *Associação dos Amigos da Literatura Franceza*, uma conferencia sobre *les grandes faiblesses de la propagande française á l'étranger*. *Le Figaro* diz que a sua critica, sendo delicada, foi sempre justa, devendo o governo francês tomar na devida conta as indicações do conferente.

* * *

CONSTA-NOS que se pensa levar a efeito, em Lisboa, um comicio de protesto contra a carestia da vida, á semelhança do que se fez no Porto. A fim de reunir maior numero de protestantes, não terá um caracter exclusivamente operario, devendo tomar parte todas as pessoas que se sentem afectadas pelo aumento do custo da vida

* * *

LÊ-SE num jornal francês que o Papa Pio XI praticou outrora o alpinismo, realizando ascensões no Monte Branco e no Monte Rosa. Parece-nos que a sua maior ascensão acaba de realizar-se agora, com a sua subida ao trono pontificio. Esperou ele alguma vez chegar tão alto?

* * *

BORGES Grainha publicou um folheto sobre a *Ortografia nacional*, em que se ocupa deste assunto com judiciosas razões cuja oportunidade ninguem ousará contestar-lhe.

* * *

RECEBEMOS a *Toada Singela* ou seja o ultimo fado do falecido maestro Manuel Figueiredo, letra de José S. Ribeiro.

THEATRO SÃO LUIZ
EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA
Concertos BLANCH
Domingo, 13 — Matinée ás 3 horas da tarde
18.º CONCERTO D'ASSINATURA
da
ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
no qual toma parte a eximia pianista
D. MARIA ANTONINA MOREIRA

PROGRAMMA—1.ª PARTE
I — Rosamonde, ouverture . . Schubert
II — Pavane pour une Infante défunte . . . . Ravel
III — Morte e Transfiguração, poema synfonico . . . . . . Strauss
2.ª PARTE
IV — 12.ª synfonia (em sol maior)
a) Adagio-Allegro
b) Largo
c) Menuetto
d) Allegro com spirito
V — Ballada para piano e orchestra . . . . Freitas Branco
Piano—D. MARIA ANTONINA MOREIRA
3.ª PARTE
VI — Peer Gynt—Chanson de Solveij . . . . Grieg
VII — Leonore, ouverture n. 3 . Beethoven
Bilhetes á venda

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 13.

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18—Praça dos Restauradores—18

José d'Arruella
ADVOGADO
Mudou o seu escritorio para a Rua Nova do Almada, 81, 1.º Telefones 1:949 e 4:343.

A DANÇA DEVE SER UMA ARTE

COMO SE DANÇA HOJE EM LISBOA

E COMO SE DEVIA DANÇAR

O professor Magalhães Pedroso

fala-nos de Paris, e de certos professores selvagens que por lá aparecem

Entre as artes, não ha nenhuma superior a outra. Todas elas são apenas a Arte, maneiras diversas do artista traduzir os sentimentos humanos. Nem mesmo ha forma de as separar; ingressam umas nas outras, completando-se, ao mesmo tempo que cada uma é completa por si mesma. Porque cada uma dá imediatamente a sensação de todas as outras.

A musica reproduz os gritos de anciedade, de angustia, de saudade, a resignação e serena doçura da paz, toda a gama de sentimentos sucessivos que animam o artista — o supremo tradutor da alma humana.

* * *

Quem assiste a um baile moderno e leva para a sala uma noção de arte, ou cuida que endoideceu ou se julga transportado a um país de selvagens. Não ha musica, e como não ha musica, a dança é uma série grotesca de saltos.

Num dos serões em casa do professor Magalhães Pedroso, onde se toca musica e não pratos, e se dança sem dar saltos, quizemos saber porque era que a dança de nossos dias, se estava aproximando muito mais de um batuque de pretos, perdendo a indispensavel feição artistica.

—Ha a tendencia para «amaxixar» todas as danças. Os rapazes frequentam os clubs onde se dança segundo as regras dos mais selvagens professores de Paris e, mal orientados, querem trazer os mesmos gestos desordenados para os salões particulares.

—Professores selvagens em Paris?!

—Sim. Não vê que em Paris aparecem sujeitos das mais diversas proveniencias. Por exemplo: Ha um argentino, um cocheiro ou sapateiro, que dança um tango muito popular lá na terra. Chega a Paris, vai aos cafés dançar, ganha dinheiro, compra uma casaca, paga os réclames em qualquer jornal e fica sendo professor de dança.

—E são esses que fazem nome e publicam nos jornais regras de dança que deixam ficar a gente de boca aberta...

—Exacto. E como tudo o que se faz em Paris passa imediatamente á categoria de moda, nós pômo-nos a copiar...

—Assim apareceram tambem os batuques de pretos...

—Assim devia chamar-se em bom português aos *jazz-bands*. Mas é moda... Não se lembra da dança do urso, em que dama e cavalheiro se punham a dar ás mãos como o urso, um em volta do outro?

—Daqui a anos a gente de hoje não poderá compreender como admitiu nos salões danças e musicas selvagens.

—Emfim, eu vinha saber se a arte de dançar nas salas tinha morrido e v. diz-me que sim. A moda prevaleceu sobre a arte e esta retirou-se.

—Não, isso não é assim. V. está exagerando. Mesmo em Paris, nos verdadeiros salões, não se dança aos pulos, nem se admitem os *jazz-bands* autenticos, que a aterram. As regras dos aventureiros não são perfilhadas pelas familias. As danças indigenas, como, por exemplo, o tango, sofrem certas modificações em contacto com a arte, assim como a primitiva musica da humanidade, semelhante do batuque de pretos—passe o seu termo—evoluiu até chegar á arte suprema de nossos dias. O «fox-trott» e o «shimmy» guardam os passos primitivos, serenando-os, imprimindo-lhes uma elegancia discreta. Uns passos, que eram caricatura, tornam-se esboço, outros ficam como ritmo do passo normal..

E Magalhães Pedroso foi corrigir dois alunos novos que passavam dançando, cada qual com o seu respectivo par: um parecia tocar um sino com o braço esquerdo, outro tanto dançava com os braços como com as pernas...

—Estes rapazes, disse-nos, foram mal ensinados; são dos tais que aprenderam pelos clubs.

E deixou-nos de novo para ir dançar um tango, como decerto o dançou aquele mestre que, perante o Papa, quiz demonstrar que a dança argentina não merecia a excomunhão..

ATÉ OS PEQUENOS...

... vieram ao pó de arroz e ao perfume «HOP» julgando que era açúcar e vinho doce...

POLITEAMA
Telef. N. 3:028 — A's 21,30
EMPRÊSA LUÍS PEREIRA
COMPANHIA LUCILIA SIMÕES
sob a direcção de ERICO BRAGA SIMÕES
A 8.ª MULHER DO BARBA AZUL
Interpretação admiravel de
LUCILIA SIMÕES
Amanhã — Concerto extraordinario pela
Orquestra Sinfonica de Lisboa
Regencia de FERNANDES FÃO.

Laços de Amor

A estreia de ontem no Condes

Mais uma artista, desta vez parisiense, que o Cinema Condes veiu revelar ontem ao nosso publico estreando-a em Portugal no belissimo e interessante *film Laços de Amor*, Huguette Duplos é uma encantadora actriz que á arte do silencio veiu trazer um grande talento e uma rara intuição artistica já manifestada multiplas vezes no teatro.

O colossal *film* de aventuras *A Soberana do Mundo*, arrojada interpretação da grande actriz alemã Mia May, vai no seu 3.º e 4.º episodios, mantendo o seu apaixonado interesse pelas aventuras de Mand Gregard no Extremo-Oriente.

A hilariante comedia *Um segurado infeliz* e o *Jornal do Condes n.º 101*, que hoje se estreiam, completam o belo programa desta noite.

Para as festas do Carnaval, que no Condes serão deslumbrantes, já estão muitos logares marcados pelas mais distintas familias da nossa sociedade elegante.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Edições da Biblioteca Nacional
Á VENDA:
Lusiadas. Reprodução «fac-simile» da 1.ª edição, com aparato critico do dr. José Maria Rodrigues, 20$00.
O Processo dos Tavoras, com prefacio e indice de Pedro de Azevedo, 7$50.
Anais das Bibliotecas e Arquivos. Unica revista da especialidade em Portugal. Colaboração de Julio Dantas, Jaime Cortesão, Raul Proença, Antonio Anselmo, Aquilino Ribeiro, Pedro de Azevedo, Leite de Vasconcelos, D. Carolina Micaelis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, Luís Figueiredo Guerra, Faria de Vasconcelos, etc., etc.—Publicados 7 numeros, a saír brevemente o n.º 8.—Assinatura 4 numeros (1 ano), 5$50; numero avulso, 1$50.
Aceitam-se pedidos directos á Biblioteca Nacional, quando acompanhados do custo e importancia do porte.
Descontos aos revendedores.
A SAÍR:
Marco Paulo, conforme a edição de 1502, introdução e indices de Esteves Pereira, edição especial, 18$00, e edição ordinaria, 8$00.
O Processo de Marquês de Pombal, notas e prefacio do dr. Jaime Cortesão.
Recreação periodica, do Cavaleiro de Oliveira. Restituição, estudo critico e biografico de Aquilino Ribeiro.
EM PREPARAÇÃO:
Obras de *Gil Vicente*, reprodução «fac-simile» da 1.ª edição; notas e prefacio de D. Carolina Micaelis de Vasconcelos.

LITERATURA

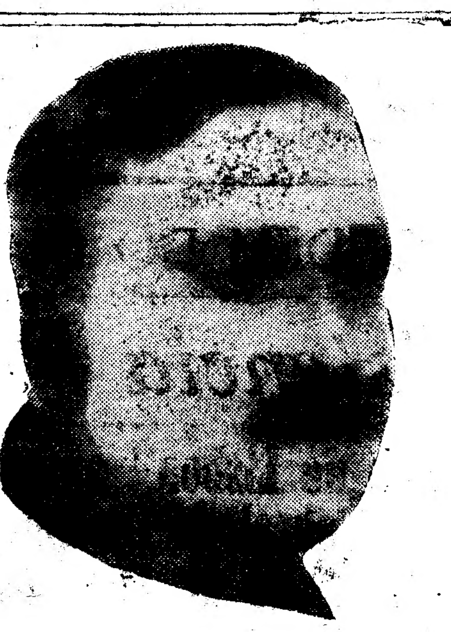
Um conto

INTITULADO

"Três destinos"

DE

Joaquim Leitão



A 2.ª ediçao

DO LIVRO

"Cabeça a premio"

FOI

posta á venda

Do livro «Cabeça a Premio» do brilhante escritor e nosso colaborador sr. Joaquim Leitão, e de que acaba de se publicar a 2.ª edição, transcrevemos a seguir um conto intitulado «Três destinos». Brevemente o nosso critico literario falará não só desta obra como da novela «Varre Canelhas», de que igualmente se publicou a 2.ª edição.

Porto, 4 de outubro de 1873

Meu querido Eduardo:

Já não caso.

Desmanchou-se tudo.

Ou antes, foi eu quem desmanchou esse casamento que, como sabes, resumia o meu ideal, encerrava toda a minha aspiração, todo o meu sonho!

Não imaginas o horror destes ultimos dias...

Demais a mais sósinho, tendo de calar tudo comigo — eu que sou uma creatura comunicativa — para não afligir a minha pobre mãe, a quem já bastam os sessenta anos e os seus males, coitada!

Se eu fosse uma dessas pessoas concentradas — felizes delas! — que não se abrem com [illegible] lados por um mandato judiciario, não sofria tanto com a solidão em que vocês me deixaram.

Assim, com o meu genio!... Ah! que falta me fizeste aqui nestas horas alanceadas, tão só, quando nunca soube gozar uma alegria ou avistar uma tristeza que a não repartisse comtigo e com o nosso Alberto! que falta me faz o calor dos vossos corações amigos!...

Vocês viram nascer este meu amor, viram-no crescer, e só vocês podiam compreender e confortar o desespero, em que vivo agora, de o ver morrer.

O nosso Urbano Loureiro, encontrando-me outro dia nos Loyos, deitou-me a mão ao ombro e, nesse tom chocarreiro que os humoristas teem sempre para as amarguras mais pungentes, especie de pudor com que escondem as proprias lagrimas, exclamou:

— «Calcúlo quanto sente a falta dos seus dois inseparaveis amigos, sobre tudo na hora da morte do seu amor. E' o mesmo que um folhetinista que, ao concluir um folhetim, recebesse a noticia de que já não existiam os dois unicos leitores que o haviam acompanhado desde o primeiro capitulo!...

— «E' peor! respondi-lhe — E' o mesmo que um desgraçado conhecer a morte e saber que não terá ninguem a acompanhá-lo á vala comum!...»

— «Romantismos, rapaz, romantismos!...» condenou o Urbano, é claro, para me distrair.

Mas, levado pela minha dôr, ainda te não contei os motivos por que desfiz o casamento com a Isabel.

Não foi um arrebatamento nem um capricho e tu, conhecedor do meu caracter, vais dar-me razão.

A Cacilda, a irmã da minha querida Isabel, casou, há coisa de um ano e meio, com um tal dr. Frutuoso, um desses mediocres que vão a Paris buscar uma carta de medico, não tanto para explorar a ingenuidade da clientela com o anuncio e a taboleta pomposa, como para virem depois á caça de herdeira rica.

A Cacilda foi sempre uma nervosa, arrebatada, uma inconveniente que, francamente, *não sai aos seus,* como se costuma dizer.

Com o casamento, infelicissimo, refinou o mau genio e, toda inchada por se ver mulher dum «senhor doutor», formado em Paris, nem ao pobre pai poupa já os reflexos das suas disputas com o Fructuoso, disputas causadas por ciumes e brutalidades verbais — por emquanto creio que são só verbais, mas ainda não é tarde! — que o marido têm para ela, até deante de gente.

Estava já o meu casamento tratado, data marcada, mobilia escolnida, quando um dia, ao entrar na drogaria de meu futuro sogro, dei com ele acabrunhado naquele eterno e imenso banco que vem do balcão á porta e com que uma vez — lembras-te? — o marçano nos quiz atirar, por nós andarmos a rondar a loja, nos primeiros tempos do meu namoro.

Disse que me queria «uma palavrinha» e, arrastando os seus tamancos de verniz, levou-me para junto da escrevaninha, onde, encarrapitado no alto mocho de pinho e assento forrado a linhagem, com essa delicadeza que torna ás vezes alguns homens chãos superiores aos diplomatas, me expôs os receios que, como bom pai, o assaltavam, de dar a sua filha a um rapaz cuja vida o informavam não ser muito desafogada.

Tranquilizei o pobre velho, mas, dali em deante, cada hora da minha vida parecia passar-se não neste «baluarte da liberdade» e sim no verdadeiro inferno.

Presenti logo o rastro do *amigo* Fructuoso, e não me enganei.

O mobil desta guerra de intrigas e infame difamação?

O receio de que, sendo eu um rapaz habituado a manejar livros comerciais, me quizesse encaixar na drogaria, á morte ou ainda [illegible] terra com as suas ambições de ter um *negocio* d'onde tirasse, *sem trabalhar,* um rendimento que a clinica nunca lhe proporcionará.

Escuso dizer-te que tenho outras aspirações que não droguista e juizo de sobra para me não ir dedicar a um genero de vida de que percebo menos que qualquer lapuz de Braga ou de Amarante.

Sei perfeitamente que a minha pequena situação me reserva acessos, que os recursos hão de crescer naturalmente com as necessidades e os anos, e com isso me contento.

Mas o senhor doutor... todo ele eram receios pela cunhada que conhece ha dois dias, alardeando desinteresses e independencia por aí além, e o sogro (apesar de estar informado que a mãe do Fructuoso lava os palitos para tornarem a servir) só para não abrir questões, calava-se pacientemente.

Um dia, estava eu lá, a Cacilda destemperou.

Foi a gota d'agua.

A intriga era incessante, a calumnia incansavel, e chegou o momento em que o meu amor pela pobre Izabel — até ali superior a tudo — viu soerguer-se-lhe o meu orgulho de homem pobre.

Escrevi ao pai, dizendo-lhe que, não podendo provar d'outro modo que não era um caçador de dotes, rompia o casamento.

E noutra carta comovida, em que dispuz de todas as lagrimas que guardava para a vida inteira, despedi-me da minha estremecida, da minha sempre querida Izabel, afirmando-lhe que a ela nenhuma queixa podia fazer a minha alma e juro-lhe que a amava como na primeira hora do meu amor.

A pobre rapariga ia morrendo.

Eu não sei bem ainda se endoideci.

Só sei que a minha vida termina aqui.

Fico á espera que conclua a da minha santa mãe.

Bem basta a minha linda e infeliz Izabel!

Não quero arrastar no terremoto da minha felicidade mais uma vitima! Emquanto a minha velha precisar de mim, por este mundo me deixarei andar.

Ah! bem fazes tu que não pensas em casar! Nunca te lembres disso! O casamento é sempre uma tremenda infelicidade... Ou se é infeliz por ter casado mal, ou por, como eu, não ver realizado esse sonho — ainda uma derivada do casamento — ou se é infeliz por enviuvar, depois de haver saboreado as delicias dum lar modelo, cheio de sol e de flores.

Deixa-te disso, meu querido Eduardo!

Oxalá que tal ideia jámais atravesse o teu lucido espirito! Olha que a ideia do casamento é como os relampagos: quando cortam o espaço é porque, longe ou perto, caíu ou vai caír uma faisca!...

Teu saudoso amigo

Raul

P. S. — O Alberto ainda não sabe nada d'estas novidades. Anda quasi sempre embarcado, porque, coitado! o soldo de medico da armada não lhe dá para sustentar o filho e a mãe! O que é a vida, Eduardo!... Quem viu aquele Alberto tão conselheiral, fugindo ás tentações da missa do meio dia, nos Congregados, por egoismo, e ás mesas do Aguia d'Ouro por pureza, não querendo crear peias ao seu futuro, para ir afinal apaixonar-se por uma ajudante de enfermeira, de quem o caracter d'ele fez, como devia, a companheira da sua vida!...

Embora não case, pódes ter a certeza que já a não troca por qualquer menina que vá aos domingos ao Palacio de Cristal.

Na podridão do hospital ainda se nos depára uma flôr imaculada e o dr. Alberto não é homem que liquide com a baixeza do abandono a paixão do terceiranista.

Muita gente lamenta-o; eu invejo-o!

Adeus! Escreve-me para a rua do Pinheiro, n.º 38. Consola-me! Dá novas tuas! Há muito que nada sei de ti, vou dirigir-te esta carta para a rua Municipal, mas creio que ela já não te encontre no Rio de Janeiro, pois me disseste que ias viajar por conta da casa. Comtudo, como é o unico endereço que sei, vai á sorte, que é, afinal, como tudo anda cá neste mundo.

R.

II

Meu lembrado Eduardo

Lisboa, 11 de Abril de 1897.

Só hoje tive o imenso prazer de abraçar o teu filho—que, deixa-me dizer-te, é um perfeito rapaz!—porque quando elle fez o favor de me visitar a primeira vez, estava eu para o Porto, donde regressei ante-ontem.

Não posso traduzir a imensa satisfação que senti ao vê-lo: é o teu vivo retrato, os mesmos olhos, os mesmos cabelos, o mesmo porte, até a tua voz, só mais pausada como manda a climatologia tropical.

Não imaginas! estava a conversar com ele e parecia-me que eras tu, em pessoa. E, se não fosse o espelho da minha sala de visitas apontar-me a clareira da minha gaforina, eu supôr-me-ia num daqueles nossos cavacos de ha vinte anos, pela rua Nova do Almada acima, ou, em noites de luar, nas ruinas do Seminario, de onde o nosso Raul recitava cantos do Adamastor voltado para os barcos rabêlos, quando não apostrafava o vacuo com os anatemas de Hugo, traduzido pelo chorado Guilherme Braga.

Agradeço-te muito o teres indicado a teu filho a morada deste velho amigo.

Faz bem a gente recapitular no fim da vida as poucas amisades com que partiu para esta rôta.

Pena tive que ele não chegasse oito dias antes, porque me haveria acompanhado ao Porto.

Seria curioso e comovente que o teu morgado te representasse na cerimonia que lá me levou.

Ora vê se adivinhas qual ela foi... Não és capaz, estás a mil leguas disso!

Foi o casamento do nosso querido Raul com... (prepara-te para pular de surpreza) com a Isabel.

Que extraordinario coração e que belo caracter o do Raul!

O pai de Isabel morreu, deixando a fortuna toda comprometida: pelos geitos, o honrado velho nos ultimos tempos transtornara, desfazendo em meia duzia de anos o que levara a fazer uma existencia inteira. A familia ficou em más circunstancias, e o genro, o dr. Fructuoso — dispensava a honra de ter por colega semelhante charlatão — recusou-se a recolher a cunhada.

A Isabel ia ficar ao desamparo.

O Raul, então, como já não podiam acoimá-lo de caçador de dotes, teve a sublime e altiva humildade de ir pedir a mão dela á malcreadona da Cacilda.

Casaram sabado, em Santo Ildefonso.

Nunca tal vi! Vestidos modesta e gravemente, levavam nos cabelos, já encanecidos, a brancura nupcial. Aquele par de velhos era o par de enamorados que nós conhecemos há vinte anos, que tendo passado a chorar a vida inteira, como se já não soubessem sorrir, choravam de felicidade ao sair da igreja.

Vê tu as voltas que o mundo dá!

O Raul que, há quasi um quarto de seculo, te convidou, de brincadeira, num alvoroço de noivo, para padrinho do primeiro filho, só ante-ontem recebeu na sua, sêca e aspera, a mão mirrada duma senhora que foi menina há 24 anos e que envelheceu a amar até aos quarenta e tantos o seu Romeu.

Tu que prégavas a rebelião heresiarca do amôr livre e defendias o *D. Juan*, fôste o primeiro a casar e já hoje me apresentas aqui um rapaz, alto como uma torre.

Eu, que me guardava para escolher [illegible]mente uma noiva n'algum quarto andar da rua de S. João, atravessei a vida de braço dado com a minha Deolinda, uma humilde ajudante de enfermeira do Hospital da Misericordia do Porto, por quem me apaixonei no meu 3.º ano e que é a virtuosa mãe dos meus filhos!

Conclusão?

Que isto de casamentos é, afinal de contas, uma luz em tôrno da qual adeja a borboleta humana: passamos metade da vida a desejá-lo ou a condená-lo e a outra metade a excomungá-lo ou a suspirar por ele saudosamente.

Mas a verdade é que [illegible] Deus ser feliz, só o é emquanto tem ao pé de si a mulher amada, fonte da nossa coragem e do nosso talento, chama creadora dos nossos filhos, o precioso evangelho onde [illegible]los para quasi todas as nossas duvidas, quasi todas as nossas contrariedades, quasi todos os nossos desalentos.

O casamento, a união, o amôr, é o unico e verdadeiro sol da felicidade humana.

Pobre do Raul que só viveu ainda dois dias felizes, em todos os quarenta e cinco anos da sua acidentada vida!

Quando lhe morreu a mãe, eu estava em comissão na corvêta *Sagres* e fui quem o acompanhou nesse golpe. Fazia pena aquele coração, fadado para amar e tornar feliz uma familia, ali sósinho, numa casa de hospedes da rua do Almada, metido no quarto, a vêr por dentro dos vidros caír a chuva perpetua dos invernos portuenses, com a pupila desbotada de miope pregada nas clara-boias do Laranjal, regular e monotono, quasi sem trocar palavra com os comensais, compondo poesias em que transparecia sempre a saudade imperecivel da sua Izabel!...

E ela? Envelhecia ao mesmo tempo.

Mal diriam eles que, ao caminhar para a idade em que os amôres secam e os corpos se separam aborrecidos, iam a caminho da felicidade!...

Abraça-te o teu velho

Alberto

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Historia curta duma grande paixão

Eu já tive uma paixão—embora o não acreditem aqueles a quem Deus negou a suprema ventura de se apaixonarem...

Começou numa madrugada, vermelha como os labios dessa linda judia; passou-se o dia, e a noite foi caindo, noite de Agosto, luarenta, cheia de guitarradas e descantes. E desde então para cá nunca mais deixei de a amar—embora se riam aqueles que não acreditam na constancia do amor.

Impetuosa, cega, a minha paixão cresceu, fez-me sonhar sonhos deliciosos, antever uma Terra de Promissão que Deus não quiz que chegasse a alcançar; depois...

...Depois foi o crepusculo fatal de todas as auroras que enchem o ar de fogo; diluiu-se, apagou-se, o fogo fez-se cinza que o vento da vida foi espalhando aos poucos...

E, no emtanto, como dessas cinzas, dêsses restos frios dum amor ardente, se desprende ás vezes, sempre que a Saudade a ateia, a chama viva da Paixão, em busca duma Esperança que o Destino persiste em querer roubar-lhe!

Sim, porque se ás vezes o meu olhar se acende para uns olhos azues como o céu de Portugal, se a beleza dum rosto frio e branco me anima, é porque ante os meus olhos passa numa visão a recordação dulcissima do seu olhar, do seu rosto branco de fada, adivinhado por geniais pintores, da sua beleza, cantada em tantos versos imortais...

Uma paixão não se extingue com a facilidade com que se devolvem as ardentes cartas de amor trocadas. Ah, é verdade:—eu, por acaso, guardei as dela.

Felix Correia

A MISERIA DE LISBOA

ACUDAM AOS HOSPITAIS E ÁS CASAS DE CARIDADE!

A subscrição do «Diario de Lisboa»

O apelo que fizemos teve uma repercussão no espirito dos nossos leitores, que demonstra bem quanto nós fomos ao encontro de um desejo de beneficencia. Os hospitais e as casas de caridade são as instituições onde mais simpatica e eficazmente se pode exercer essa beneficencia.

Os obolos que hoje registamos são provas de uma boa vontade e de caridade que não é demais encarecer.

Registamo-los com o maior prazer:

Diario de Lisboa	100$00
Dr. Herlander Ribeiro	100$00
João Gomes, Casa Tota & C.ª	100$00
Francisco Silveira	5$00
Xavier de Almeida	5$00
Virgilio Soares	5$00
Carlos João Durães	5$00
Henrique Faro Junior	5$00
Armando Crespo	5$00
A. Melo	5$00
Leonor La Casta	15$00
Soma...	350$00

SAÍU DO PRELO

"FÓRA DE PORTAS"

— POR —

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

2$50

COIMBRA-EDITORA

(Antiga casa França & Armenio)

NA ORDEM DO DIA..

A Assistencia Publica

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. dr. Sobral de Campos, director do Asilo de Mendicidade

Um plano de assistencia do sr. dr. João Luís Ricardo

que transformará e modernizará todos os serviços

A questão da Assistencia Publica, na cidade de miseraveis que é Lisboa, tem sempre actualidade. Por isso, ha dias, durante uma visita ao Asilo de Mendicidade, registámos cuidadosamente quanto ácerca de tal assunto nos disse o seu director, sr. dr. Sobral de Campos. A primeira pregunta, sempre banal, foi assim feita:

—O que pensa da Assistencia?

—Que têem razão os que dizem que em Assistencia está quasi tudo por fazer. Assim é. Sob o ponto de vista tecnico, scientifico, de autentico valor social, no sentido elevado da Assistencia, muito pouco se tem feito, quer nos asilos de velhos, quer nos de crianças. Ha deficiencias enormes. Ha erros graves.

«Sobre Assistencia tem o dr. João Luís Ricardo, administrador Geral do Instituito dos Seguros Sociais — com o qual recentemente conversei com o maior agrado — pontos de vista muito interessantes e um plano geral onde quasi tudo — que ele me permita o arrojo do comentario — seria de uma grande utilidade, transformando e modernizando os serviços da Assistencia, tornando essa instituição mais ampla e mais apta a exercer os seus fins humanitarios e scientificos. Oxalá o seu plano de reforma, ou esse plano com os possiveis aperfeiçoamentos que comporte, venha a executar-se em breve!

— Mas vem a ser essa reforma...

— Perdão! Não desejo meter a foice em seara alheia, nem para tal estou autorizado... Oiça-o. E se o sr. dr. João Luís Ricardo quizer falar... os leitores do *Diario* o virão a saber.

— A sua acção aqui dentro?

— A minha acção a dentro do Asilo? Pequena. Pouco tenho podido fazer. Compreende: os directores dos Asilos só poderão, de facto, desenvolver uma acção proficua tendo colaboradores a dentro dos seus estabelecimentos e a colaboração efectiva e decidida das instancias superiores. Se falta a colaboração dos primeiros, pouco poderão fazer os directores e o que conseguirem será á custa de um tremendo esforço, de uma luta extenuante contra a incompetencia, a inercia ou a ausencia de fé. Mas se falta o apoio das entidades superiores — ou se, peor ainda, surge uma habilidade sistematica — então, meu amigo, mesmo com alguns colaboradores a dentro dos estabelecimentos — nada poderão obter de proveitoso. Não se passará da rotina. Nada caminhará...

«Seria muito interessante e muito util, sabe?, emquanto existisse a organização actual, formar, junto do provedor da Assistencia, o *Conselho dos Directores*. Eu e o meu colega director das *Casas do Trabalho e do Refugio*, o sr. Julio Gaeiras, temos varias vezes advogado essa medida, de onde muitas vantagens adviriam, por aí se poderem discutir os varios problemas e assentar em novas formulas, novos processos, novo e mais util caminho. Pois ainda não foi possivel consegui-lo! Quando, no impedimento do actual provedor, esteve na Provedoria o sr. Silva Roxo, concordou este senhor em absoluto com tal orientação, por convencido estar de que a grande obra da Assistencia não podia ser obra absorvente de *um só*, mas sim *uma obra de conjunto e de todos*, e criou, em uma interessante ordem de serviço, o *Conselho dos Directores*, harmonizando nela as funções destes com as do provedor e dos inspectores e baseando-se para tal nas disposições da lei da Assistencia. Mas a ordem de serviço foi-se com o sr. Silva Roxo... Durou o que duram as rosas... Ficou dela apenas o perfume intelectual de uma intenção elevada...

«A minha acção no Asilo? Pequena, como lhe disse ha pouco. Olhe: O medico substituto do Asilo, medico moderno e estudioso, o dr. Correia Ribeiro, fez, a meu pedido, um relatorio sobre os serviços clinicos do Asilo. Aqui o tem. E' um relatorio muito interessante, com esta parte sobre a longevidade, com referencias a estatisticas dos paizes estrangeiros e com este estudo sobre erros, deficiencias, antigualhas de processos seguidos no meu Asilo e com os principios de uma nova orientação a estabelecer e a seguir. Pois, meu amigo, vão decorridos oito longos mezes sobre a data em que á instancia competente enviei, com um oficio, o referido relatorio. Nesse oficio chamava a atenção para aquele trabalho e pedia a colaboração por forma a que os serviços de assistencia medica se valorisassem, em breve, no Asilo que dirijo, como tanto necessario se tornava. Pois o medico que procedeu a este estudo e que conscienciosa e desassombradamente elaborou o relatorio que lhe pedira—poderá hoje constatar e reproduzir os mesmos males e os mesmos comentarios... Ora assim não se pode caminhar. Assim não se trabalha e não ha fé que resista, nem vontade que não sucumba.

«E assim continuaremos a reconhecer que teem toda a aplicação as graves mas justas palavras com as quais o referido medico finda o seu relatorio.»

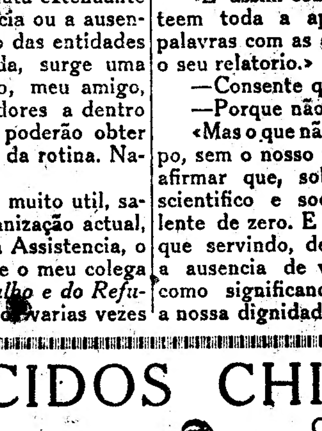
—Consente que as reproduzamos?

—Porque não? Aqui as tem:

«Mas o que não pode suceder por mais tempo, sem o nosso protesto, é que se continue a afirmar que, sob o ponto de vista medico, scientifico e social, este Asilo é um equivalente de zero. E *zero*, nestas condições, posto que servindo, de ordinario, para representar a ausencia de valor, sôa aos nossos ouvidos como significando *alguma cousa* que ofende a nossa dignidade de gente civilizada.»

TECIDOS CHICS

NÃO COMPREM FAZENDAS PARA FATOS DE HOMEM, AGASALHOS E VESTIDOS DE SENHORA SEM PRIMEIRO PEDIREM AS AMOSTRAS



CONFRONTEM PREÇOS :: :: E QUALIDADES :: ::

ECONOMIA 30 %

ARMAZEM DE VENDA DIRECTA AO CONSUMIDOR

DESPESAS DE TRANSPORTE DE CONTA DA :: :: : CASA : :: ::

A SILVA & C.ª

FABRICANTES DE LANIFICIOS

COVILHÃ

Os Teatros

O "Diario de Lisboa" e o Avenida

Estevam Amarante, actor e emprezario—mais actor do que emprezario, queremos acreditar—informa-nos de que o «Diario de Lisboa» tem no seu teatro um «fauteuil» captivo e de que, se antes o não tinha, isso se deve simplesmente á negligencia do pessoal da bilheteira.

Reatamos desde hoje as relações amistosas que nos ligaram á empreza do Avenida e desejamos que Estevam Amarante continue prosperando.

Atrás do reposteiro

Amelia Rey Colaço, que se encontra em Lisboa, vem concluir umas scenas que faltam para o «film» «O Primo Basilio», editado pela «Invicta».

—O grupo artistico que o actor José Ricardo pretende organizar para uma «tournée» á provincia, será constituido por ele, por Ilda Stichini, Rafael Marques, João Lopes, etc.

—O actor Joaquim Costa assinou contrato com a empresa Caldevila para «filmar», este verão, varias fitas.

—Não tem o menor fundamento a noticia vinda a lume num jornal da manhã, de que a actriz Palmira Bastos vai ingressar no teatro Nacional.

—A Companhia do actor Eduardo Raposo, que acaba de percorrer a provincia com exito, está-se reorganizando para seguir para as ilhas. Desta Companhia fará parte a actriz Maria de Lourdes Cabral.

—A Companhia dos Caminhos de Ferro concedeu o «cidarsement», nas suas linhas, á Companhia de Madame Pierat, para a sua vinda a Lisboa. A proposito vem dizer que a assinatura para as 3 recitas desta artista, no Nacional, está quasi literalmente coberta.

—A comedia «Carta Anonima», tradução do «Ardil», que o Nacional escolheu para a epoca do Carnaval, sobe ali á scena no dia 22, em 5.ª recita de assinatura.

—A Companhia José Alves da Cunha já não vai ás ilhas. Deve partir, antes, para a provincia, no proximo mês, com mais uma peça nova, ensaiada por José Ricardo.

—Nascimento Fernandes será a principal figura da Companhia que o empresario Macedo vai organizar para levar ao Brasil, em combinação com José Loureiro.

— O empresario José Loureiro parte, dentro de dias, para Italia, a ultimar contratos com companhias de canto e declamação, que ainda este ano irão trabalhar ao Brasil.

— Faz hoje 62 anos o ilustre actor José Ricardo, societario categorizado do teatro Nacional, figura de artista inconfundivel e, ultimamente, muito em fóco pela primorosa interpretação dada ao papel de «Don João do Monte», da peça «O Centenario».

— A «Invicta-Film» acaba de negociar para a America do Sul a sua ultima produção cinematografica: «Mulheres da Beira», a qual foi igualmente vendida — o que sucede pela primeira vez a um «film» português — para a America do Norte. «Mulheres da Beira» foi trabalhada pelo «metteur-en-scène» Rino Lupo.

— A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho dá espectaculos nos dias 8 a 13 de março no teatro Avenida de Coimbra. Desta companhia desligou-se a actriz Dina Pereira.

— No «studio» da «Portugalia-Film» realiza-se ámanhã a «filmagem» de umas scenas da peça «O Centenario», para serem exibidas, a titulo de reclame, no Salão Olimpia. O trabalho de ensceneação é de Lino Ferreira.

— Na festa dos autores da revista «O 31», promovida por um grupo de amigos, tomam parte as actrizes Angela Pinto, Auzenda de Oliveira e Maria Litaly, desempenhando esta o papel de «Esturdia», que já interpretou em tempos.

— Reaparece no proximo sabado, no Salão Foz, no «compère» da revista «Bichinha Gata», o actor Antonio Gomes, recentemente operado do nariz.

— Vai entrar em ensaios no Aguia de Ouro, do Porto, a nova revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «Gato sapato», sendo um dos «compéres» desempenhado pelo actor Carlos Leal.

— No Nacional presseguem os ensaios da comedia «Carta anonima», que fará a epoca do Carnaval. Para um dos três dias de Entrudo vai ensaiar-se uma outra do repertorio do teatro e de grande exito obtido.

CARTAZ

S. Carlos — A's 21 — 31.ª recita de assinatura ordinaria — «Bohème».
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luis—A's 21—«Viuva Alegre»
Politeama—A's 21,30—«A 8.ª mulher do Barba Azul».
Avenida — A's 21—«O Toureador».
Apolo — A's 21 — «P. A. M.»
Chiado Terrasse — A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 21,15—«O 31».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha gata...».
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «O remorso».
Teatro dos Anjos — A's 20,30 — Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O CASO DO DIA

As prisões desta madrugada

AS PRISÕES DE OFICIAIS

e o seu efeito na G. N. R. e no Interior

O que dizem os secretarios do chefe do governo

A cidade, hoje de manhã, mal leu as *ultimas* dos jornais, ficou de boca aberta. Até ás duas da tarde essa entidade sempre respeitavel que é o publico, não definira ainda uma atitude. Existia, apenas, estupefacção. O proprio sr. Manuel Maria Coelho, que de per si constitui um capitulo inteiro da primeira edição das revoluções republicanas, foi por nós surpreendido, no Chiado, ao meio dia e três quartos, a confidenciar a um amigo de andaina democraticamente coçada: — «Isto é uma confusão que ninguem entende!»

No ministerio do Interior é que encontrámos gente que falasse direito, que dissesse o que pensava. Informam-nos, em frases rapidas que pouca ligação teem entre si. Um exemplo:

— O governo não tem nada com isto. O poder judicial mandou e os ministros respectivos limitaram-se a cumprir as ordens...

— O Cunha Leal não quiz fazer as prisões. Preferiu abandonar o poder...

Verdade? Mentira? O *reporter* duvída e interroga, em duvida:

—Será assim?

O secretario que formulára a acusação, para o grupo que se forma em torno dele:

— Os mandados de captura estavam no ministerio da Justiça. Este governo já os encontrou...

Uma rectificação a informes das gazetas matutinas:

—O governo não se reuniu no forte de Caxias. E' falso. Completamente falso. De madrugada estiveram na secretaria da Guerra o ministro dessa pasta, o do Interior e o da Marinha.

No ministerio do Interior está, pois, tudo de acôrdo, quanto ás providencias governativas. O conselho, reunido na sala grande da presidencia, desde as 11 horas, continua ainda á uma da tarde. Que haverá? Possivelmente, a necessidade de certas medidas de ordem. Porque os boatos circulam, os mais desencontrados, revelando uma fantasia extrema. Mas ás vezes . . .

O Rocio tranquilo e o comando da G. N. R. á vontade

Na rua do Ouro conversa-se mais sobre cambios e cotações que sobre as prisões sensacionais desta madrugada. O comercio e a finança não se preocupam com os episodios da politica. E, quanto ao Rocio, ponto de partida e de chegada de todas as agitações, permanece tranquilo . . .

Vamos até ao comando da G. N. R.; trepando a custo a ingreme calçada do Carmo. Ali deve haver novidade; pelo menos, uma certa efervescencia, atenta a captura do chefe do Estado Maior.

Mas — facto extraordinario! — nos corredores do quartel do Carmo, pejados de oficiais de grande uniforme que se aprestam para ir apresentar os seus cumprimentos ao sr. Antonio Maria da Silva, e de musicos que experimentam os aparelhos, a tranquilidade é absoluta. Ninguem fala das prisões — o acontecimento parece ter passado despercebido.

Conversamos com um, dois, três oficiais. Sorriem. Francamente, sinceramente, acham bem. Há um que diz:

—Quem deve que pague...

Emquanto outro acrescenta:

—Estão presos? Se são culpados, que os condenem; se estão inocentes, que o provem!

E é tudo assim. Só nos falam em disciplina, respeito ao poder executivo, respeito ao poder judicial, defeza da ordem, defeza da Republica...

"ORDENEI A DETENÇÃO DESSAS CREATURAS PORQUE A MINHA CONSCIENCIA ASSIM O INDICOU"

DIZ AO "DIARIO DE LISBOA"

o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, juiz encarregado de investigar os acontecimentos da noite de 19 de Outubro

São 11,30. O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque acaba de entrar no seu escritorio. Ha qualquer coisa de mais severo no seu rosto. Estamos em frente do executor. O gabinete humilde, simples, com processos e um pouco de pó numa mesa abandonada é como um scenario de drama onde palavras solenes vão ser pronunciadas. Ganha-nos a emoção.

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque está sereno, frio de palavras; por detraz das suas lunetas, bem no fundo das suas pupilas, encontramos um pouco de tristeza.

—Esta visita é obrigatoria, sr. doutor.

Sem um gesto:

—Quere-se sentar?

Sentamo-nos. A entrevista ganha em espaço, porque uma conversa de pé é sempre curta.

—Os presos desta noite...

—Então?

Não há um sorriso. Ele, Alexandrino de Albuquerque, que sempre sorri as nossas preguntas mais que indiscretas, fecha quasi os labios. Nas suas palavras há a medida da ponderação. E não sabemos bem porquê, mas iriamos dizer que aquele que ali está, na nossa frente, vivendo, sem duvida, uma das grandes horas da sua vida, passou ontem a noite em claro. Não por receio; a sua consciencia falaria ás 4 horas da madrugada de hoje, clara e inflexivel. Mas todos nós somos romanticos... Alexandrino de Albuquerque, que defendeu sempre as boas causas, acusa agora.

—Presos, porquê?

Textual:

—A minha opinião de advogado, neste caso, está apoiada em opiniões de creaturas insuspeitissimas para os acusados.

— Opiniões... pessoas. São testemunhas?

Grave e lento:

— Não são testemunhas, mais tarde saber-se-ha... a politicos

Insistimos:

— Ha alguma prova?

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque não se recosta na cadeira, as suas mãos não esboçam um gesto. E tão grave como até aqui, diz:

— Ordenei a detenção dessas criaturas porque a minha consciencia assim o indicou.

Depois duma esgrima viva de frases:

— Ha indicios graves? Encontrou-os v. ex.ª no decorrer do processo?

— Podia proceder só por indicios... mas não.

— O contrario... Ah! V. ex.ª não esclarece?

—E são só os srs. Cortez dos Santos, Camilo de Oliveira, Pires Falcão, Loureiro, Procopio de Freitas e Mergulhão? E' a nota dos jornais que pode não estar certa

Uma frase apenas:

—Ordenei a detenção desses...

—Termina pois o processo?

—Não! Tomára eu!

—As prisões foram feitas pela policia...

—Isso não sei, mas parece-me que não... Os oficiais foram requisitados ás unidades respectivas. Não é esta a praxe?

—Soube-o o sr. presidente do ministerio?

O dialogo, apesar de intenso, dificulta-se. A cada pregunta o entrevistado recolhe-se mais.

—Muitos oficiais foram requisitados pelo Interior.

—E as familias das vitimas...

—Como não eram autoridades...

—Não o sabiam... Continua as investigações?

—Continuo. Por muito tempo?...

—Quem o sabe?

No gabinete entra um amigo do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque. Vem com um sorriso que logo se gela ao ouvir a conversa. Ao fundo, uma empregada do escritório olhanos com um pouco de espanto. A luz é baça, as vozes são lentas, a simplicidade do sr, dr. Alexandrino de Albuquerque, que não é feita de exibicionismo, tem o seu quê de dramatico e empolgante.

—Eu não queria que os jornais se referissem a isto...

—Logo que o processo esteja concluido começará o julgamento dos detidos?

—Não sei, é provavel...

—Haverá um tribunal de excepção...

—Se o houver, terá a senção do parlamento... Ignoro o pensamento do chefe do governo...

Haverá? Não haverá? Naquele instante o jornalista teve a suspeita que sim.

—Leu estas linhas que vêm neste jornal? Repare, são três, falam de medidas de prevenção. Prendem-se com o que vem acima; só um traço breve as separa.

E em cima lia-se: *Prisões importantes.*

—Não é comigo

A entrevista tivera a sua frase final. Mas quem nos disse isto?

—Ontem dormi como de costume...

E quem teria acrescentado:

—No entanto, sempre o nosso coração estremece, quando a consciencia nos obriga a cumprir um dever que vai ferir...

—Sim... sim, é isso.

A. P.

ALGUNS DOS DETIDOS

devem ser libertados dentro de breves dias

Uma calunia que se desfaz com a maior facilidade

Alguns presos desta madrugada, devem ser restituidos á liberdade dentro em breve. Não se surpreendam com a noticia — o facto, a dar-se, comprovará sómente que não se pode fugir á completa execução das leis fundamentais do país. E o caso que os srs. major Cortez dos Santo, capitão Camilo de Oliveira e capitão-tenente Procopio de Freitas serão proclamados deputados numa das primeiras sessões do parlamento, que iniciará os seus trabalhos daqui a três dias. Por efeito das imunidades parlamentares, que só permitem a detenção de qualquer membro do Congresso Nacional, quando em flagrante delito, não ha outro caminho a seguir senão restituir imediatamente á liberdade os oficiais acima indicados.

* * *

A proposito das prisões, foi hoje posta a circular uma pequena calunia que, não merecendo importancia de maior, no entanto não há mal nenhum em desfazer. Assim, acusou-se o sr. Cunha Leal—e a isto nos referimos n'outro ponto do jornal—de se ter negado a satisfazer as requisições de captura dos oficiais detidos esta madrugada, requisições essas que há alguns dias já se encontravam no ministerio da Justiça.

Para que os leitores avaliem da facilidade com que se arquitectam as historias mais fantasticas, vamos relatar um pequeno episodio passado num dos ultimos dias do ministerio Cunha Leal:

O sr. Alexandrino de Albuquerque, depois de expôr o andamento das investigações, falou da necessidade de se efectuarem, num futuro proximo, algumas prisões. Nessa altura, já existia uma espessa teia de calunia em tôrno do caso, pelo que o sr. Cunha Leal ripostou:

—O senhor prende quem quer, o senhor prenda alguem, o senhor prenda-me a mim. Em ultimo caso, vá prender o Padre Eterno!...

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque tem, pois, em todas as circunstancias, ampla liberdade de acção. Que nos lembre, a frase do ex-chefe do governo, que acima reproduzimos, até provocou a intervenção do sr. dr. Trindade Coelho que, como bom homem de leis, declarou desnecessaria tal atitude, uma vez que o poder judicial em todas as circunstancias é absolutamente autonomo.

O chefe do governo recebe os jornalistas, dando-lhes breves explicações

O sr. presidente do ministerio recebeu hoje os jornalistas, após os cumprimentos da oficialidade da G. N. R., a fim de restabelecer a verdade dos factos, um tanto desvirtuada por certas versões tendenciosas que durante a tarde circularam insistentemente.

Afirmou-nos o sr. Antonio Maria da Silva que o governo se limitou a dar cumprimento a uma requisição do sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, juiz encarregado do inquerito aos morticinios de 19 de Outubro, para a prisão de seis oficiais, que são considerados apenas presumidos delinquentes. Os ministros da guerra, marinha e interior limitaram-se, portanto, a cumprir o seu dever, dando execução a uma determinação do poder judicial.

* * *

Foi nomeado chefe do estado maior, interino, da guarda republicana o tenente coronel sr. Archanjo Teixeira, em substituição do major sr. Cortez dos Santos.

GARANTIA

CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS
Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1920 Esc. 7.973.788$76,3

SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros.

FAMILIAR (seguro de capital e pensão) e **MIXTO DE CAPITAL DUPLO** (que duplica o capital em caso de sobrevivencia)

Seguros terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis

COMPANHIA DE SEGUROS fundada em 1853 com sede no Porto (edificio proprio)

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão

José Henriques Totta, Ltd. (banqueiros) EM LISBOA, tel. 533, 1589, 4078, 4452 e 4453

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

292, RUA AUREA

TEL. C. 854

Representantes da fabrica:

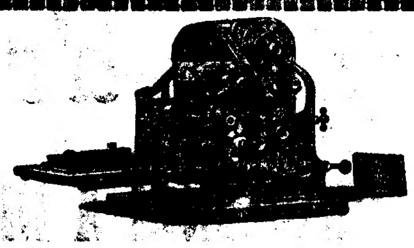
KIRCHNER

maquinas para trabalhar madeira

EM ARMAZENS

E A CHEGAR Á ALFANDEGA

grande quantidade destas maquinas



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Companhia do Papel do Prado

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Assembléa Geral Ordinaria

São convidados os srs. Accionistas a reunirem no dia 23 de Fevereiro ás 15 horas na séde desta Companhia, Rua dos Fanqueiros, n.º 262, para discutirem e deliberarem ácerca do relatorio e contas da Direcção, Parecer do Conselho Fiscal, e procederem á eleição para o cargo de Vice-Presidente da Mesa da Assembléa Geral, vago por falecimento do ex.mo sr. Francisco da Silveira Viana. O balanço e mais documentos de que trata o artigo 29.º dos Estatutos estão patentes no escritorio da Companhia ao exame dos srs. Accionistas.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1922.

O presidente da Assembléa Geral,
José Joaquim da Silva Amado

Banco de Portugal

Assembleia Geral Ordinaria

A sessão periodica da Assembleia Geral Ordinaria há de ter logar no dia 27 do corrente, pelas 14 horas (2 horas da tarde), no edificio do Banco, para discutir e deliberar sobre o balanço, relatorio e mais documentos apresentados pelo Conselho de Administração, discutir e votar o parecer do Conselho Fiscal, e bem assim proceder á eleição da Meza da Assembleia Geral, de directores e vogais do Conselho Fiscal, e vogais substitutos, tanto da Direcção como do Conselho Fiscal, tudo conforme os artigos 41.º e 42.º dos Estatutos.

Os livros gerais do Banco estão patentes aos srs. accionistas até ao dia da reunião, e dar-se-hão as explicações necessarias.

O relatorio do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal da gerencia de 1921 distribuem-se no estabelecimento aos srs. accionistas que os não tenham recebido.

Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, em 8 de Fevereiro de 1922.

O Secretario,
(a) *Fernando Enes Ulrich*

DINHEIRO SOBRE PENHORES

A MERCANTIL

RUA DOS FANQUEIROS, 366, 1.º
(Esquina da Rua do Amparo)
TELEFONE C. 2209

FAZEM-SE emprestimos sobre ouro, prata, brilhantes, fazendas em peças, automoveis, motos e sobre tudo que ofereça garantia.

Boas acomodações e segurança para todos os objectos.

CARVÃO VEGETAL-COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.º
RUA DA COSTA 8, LISBOA.

Á VENDA NAS DROGARIAS, LOJAS DE FERRAGENS. ETC.

APU

Á VENDA NAS DROGARIAS, LOJAS DE FERRAGENS, ETC.

«APU» **«APU»**

O MELHOR PÓ PARA LIMPEZA E BOA CONSERVAÇÃO DO ALUMINIO

UZÁ-LO UMA VEZ É ADOPTÁ-LO PARA SEMPRE

DEPOSITARIOS:
Figueiredo & Teles, L.da
R. Alves Correia, 75, 1.º

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

DFS

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430
Telegrafo DIFONSO **DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da**
Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

O **Diario de Lisboa** *encontra-se á venda no Dafundo, na tabacaria Freire.*

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

NOTICIAS DA AMERICA

Os resultados DA CONFERENCIA DE WASHINGTON

Desapareceu por completo o perigo de uma guerra entre os Estados-Unidos e o Japão

NEW-YORK, 10.—A imprensa americana consagra artigos laudatarios aos resultados da conferencia de Washington. Dedicam paginas inteiras e artigos dos delegados das nações que tinham representação na Conferencia.

Para os que se recordam da desconfiança do espirito publico, ha 12 semanas, quando ze inaugurou a Conferencia, a diferença desde então para agora é extraordinaria. O perigo de uma guerra america-niponica desapareceu completamente. A desconfiança da diplomacia inglesa tambem se dissipou com a quadrupla aliança.

A Conferencia não deu tudo quanto se esperava, mas sempre se obteve 80 0\|0 do que se contava. Os delegados regressam ás suas patrias convencidos de que deixam trilhado o caminho para os grandes empreendimentos futuros da paz universal.

Embora a competencia maritima fosse apenas abolida para os navios capitais e para os calibres dos canhões, todos teem a certeza de que logo que a França e a Inglaterra cheguem a entender-se e a bem definir as suas respe[illegible] [illegible] em Washington estender-se-hão dos submarinos e aos navios auxiliares.—(L. A.)

A divida dos aliados

WASHINGTON, 11.—O presidente Harding assinou a lei da consolidação das dividas aliadas.—(R.)

CLINICA DENTARIA
PARA CLASSES MENOS ABASTADAS
PREÇOS DE POLICLINICA
CONSULTAS DAS 10 A'S 12
MARIO MACHADO
DA ESCOLA DENTARIA DE PARIS
R. GARRETT, 74, 1.º—TELEF. C. 1486

AS DUAS IRLANDAS

O Norte contra o Sul

Conflitos entre a guarda real britanica e os irlandeses

Depois do acôrdo franco-irlandês, todas as noticias que a êle se referiam davam o conflito secular como terminado, e os descontentes como uma minoria extremista, partidaria de De Valera, sem importancia de maior.

Ainda que fôsse de extranhar que a Irlanda se contentasse com uma pseudo-independencia, ao fim de tantos seculos de luta e tanto sangue perdido, agora, que a independencia era só uma questão de meses e de resistencia, as noticias de que os irlandeses estavam contentes eram tão gerais e unanimes que os protestos de De Valera pareciam não dever ter uma sanção nos factos, senão daqui a alguns anos. Cuidou-se que a paz reinaria enfim, por algum tempo, na Irlanda, cansada de lutar e de sofrer.

Um engano. A admiração que a aceitação do acordo originou justificou-se. As primeiras suspeitas de que o conflito estava terminado só no papel surgiram com os conflitos entre a guarda real britanica e os irlandeses, que continuaram a dar-se com certa intensidade.

Há poucos dias ainda, deu-se uma luta especialmente grave; os telegramas julgaram dever desculpar o facto de ainda se encontrarem tropas da corôa no Estado Livre de Irlanda, depois de tanto tempo decorrido sobre a assinatura do acôrdo.

O que é que justificava uma tal lentidão na retirada das tropas, as quais visivelmente estavam exacerbando as antipatias da multidão? Isso é que se não sabe; mas o facto levantou suspeitas de que alguma coisa de mais grave poderia vir a passar-se.

Há poucos dias, James Craig e Bollino reuniram para delimitarem as fronteiras entre a Irlanda do Norte e a Irlanda do Sul. As divergencias suscitadas entre os dois foram de tal ordem que Bollino respondeu ao pedido de espera para estudo do caso, proposto por James Craig, que era inutil fazer esperar a solução dum problema daquela gravidade; o que houvesse de resolver-se, devia resolver-se imediatamente.

Mas como bem pode supor-se, os representantes das duas facções inimigas da Irlanda não chegaram a qualquer acordo. Esvaiu-se a esperança, levantada ha tão pouco tempo, de que brevemente as duas Irlandas se reuniriam; as resoluções de harmonia que haviam sido combinadas perderam todo o valor. Frente a frente, estavam as duas inimigas irreconciliaveis e nada mais.

Circunstancias que passamos a expor agravaram a situação. O Ulster tem em seu poder bastantes prisioneiros «sinn-feiners», dos quais tres estão condenados á morte e devem ser executados durante todo este mês. O recrudescer das hostilidades fez pensar que a execução seria apressada, e que outros seguiriam brevemente o mesmo destino.

Os *sinn-feiners* resolveram empregar todos os esforços para libertarem imediatamente os companheiros, e em virtude da fraca organização militar do Estado Livre de Irlanda, a qual ainda se não encontra em circunstancias de fazer frente a tumultos de tamanha intensidade, atacaram o Ulster, conseguindo libertar alguns prisioneiros.

Deram-se combates de certa importancia que acordaram e intensificaram o odio das duas facções, preparando assim acontecimentos de maior gravidade. Ainda que os *sinn-feiners* sejam inimigos dos representantes do Estado Livre de Irlanda, estes gravissimos incidentes não podem deixar de ser ligados ao desacôrdo sobre as fronteiras; e se Michael Collins se desculpa oficialmente com não ter ainda força bastante para reprimir a exaltação dos *sinn-feiners*, espiritualmente não pode deixar de concordar com aquele gesto.

Michael Collins é o representante do partido que quere alcançar pacifica, ainda que mais lentamente, a liberdade e união irlandesas, que De Valera quere conquistar por todo o preço, imediatamente, sem desfalecimentos.

O governo britanico ordenou que fosse dado ao Ulster todo o apoio militar que reclamar; vai além de 100.000 o numero de policias prontos a intervir contra o Estado Livre de Irlanda.

Se a sua intervenção chegar a realizar-se, não restam duvidas de que o Estado Livre desaparecerá na sangrenta luta que se seguirá. Michael Collins e De Valera, moderados e avançados, só terão um partido: o de lutar contra as forças da corôa, e a luta será mais atroz do que nunca.

Com uma nação exaltada como a Irlanda, é permitido pensar que perante uma situação destas, as resoluções tomadas não serão essencialmente pacifistas.

NOTICIAS DE ESPANHA

Os projectos DO CHEFE DO GOVERNO ESPANHOL

Vai terminar a luta em Marrocos?

A reunião da junta nacional de colonização

MADRID, 11.

Maura declarou que acabará brevemente a campanha de Marrocos, tratando de resolver os problemas de orçamento e dos transportes.

Reuniu-se no Ministerio do Trabalho a junta nacional de colonização que se ocupou da colonização e repovoação de Marrocos. — (R.).

Familia Real

MADRID, 11.

O infante D. Fernando obsequiou com um almoço a princesa Salm. Os filhos partirão de Madrid na proxima semana.

Afonso XIII deve regressar hoje de S. Sebastian. — (R.).

A conferencia de Genova

Vai ser adiada?

LONDRES, 11

Parece quasi inevitavel o adiamento da conferencia de Genova. A Gran-Bretanha e a Italiana estão, entretanto, efectuando todos os preparativos como se ela se realize em Março.—(R.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
A engraçadissima comedia adaptação de André Brun
O JUIZ DE FORA
NOITE DE FESTA E DE GARGALHADA
Estão suspensas as entradas de favor
QUARTA-FEIRA, 15.—Festa artistica de Teodoro Santos — O JUIZ DE FORA —Bilhetes á venda.

Nacional Telef. C. 2049
Monumental triunfo
A UNICA PEÇA QUE TODAS AS NOITES ESGOTA A LOTAÇÃO É
O Centenario
COMPANHIA FRANCESA DE MADAME PIERAT
Termina ámanhã a preferencia para os assinantes das «premières».
Continua a marcação para a assinatura aviso para
3 recitas de assinatura e 1 «matinée»

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 20,45 (8 3/4) — HOJE
O maior fenomeno da actualidade
O HOMEM-MACACO
OS MAIS PRODIGIOSOS TRABALHOS DE AGILIDADE E FORÇA MUSCULAR
Formidavel e extraordinario sucesso da
Grande Companhia de Circo
Amanhã — GRANDIOSA MATINÉE com um notavel e escolhido programa — BILHETES Á VENDA

VENI-VIDI-VINCI
CHEGUEI-VI-VENCI
Disse Cesar
Se êle voltasse e visse
O formidavel exito de O 31
NO EDEN
diria:
CHEGUEI, VI E... FIQUEI VENCIDO!
Segunda-feira — Festival de homenagem dos autores de O 31.
CARNAVAL
4 belos espectaculos e bailes de mascaras.

AVENIDA
HOJE
O TOUREADOR
Estão suspensas as entradas de favor

P. A. M.
ROLDÃO
O meia-dose
Homem do Bombo
O Conservador
Fado Português
APOLO
P. A. M.
Bilhetes á venda para a recita de Luis Cesar de Lemos na segunda-feira, 13.

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
HOJE — Reaparição do popularissimo actor Antonio Gomes, da Trindade
Espectaculos extraordinarios, admiraveis
DUAS REVISTAS EM CADA SESSÃO
A segunda sessão termina á meia noite
BICHINHA GATA...
e ALHOS E BOGALHOS
no novo quadro AMOSTRAS SEM VALOR, ambas originais de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Lino Ferreira
Com os dois «compères»: Zé Calado, Antonio Gomes—Zé Mosca, Otelo de Carvalho
PREÇOS POPULARES

A NOSSA REPORTAGEM

O "DIARIO DE LISBOA" VISITA O FORTE DE S. [illegible]

A' MEIA NOITE DE ONTEM ENTROU NO FORTE DE S. JULIÃO DA BARRA O SR. PROCOPIO DE [illegible]

O QUE SE PASSOU ESTA MANHÃ

Os presos não estão incomunicaveis, tendo [illegible] hoje a visita de pessoas de familia

A *Harley-Davidson*, cabriolando pelo caminho cheio de covas, a oitenta á hora, diminuiu um pouco o andamento ao atravessar o patio do palacio do conde de Oeiras. Ficam-nos para traz as suas janelas fechadas, incrustadas no pano vermelho da parede com ferros de resguardo, a sua pedra de armas, os muros donde se debruçam mimosas e madresilvas. De indicio, até S. Julião da Barra, servem-nos dois *raills* por onde deslisa uma carripana, pintada a amarelo, que conduz os oficiais até ao forte. Segue a «sid-car». Poeira nos olhos, nuvens de pó ficam-nos para traz, como se o nosso caminho fosse batido por um fogo violento de barragem, como se nele explodissem continuamente granadas. Arvores a dançar, um pouco de azul muito terno, muito perto: o Oceano já. Monticulos de terreno verdejantes, reverdece serenamente a terra; por beixo [illegible] guelas dos canhões. Oitenta á hora, [illegible] quilometros; já em frente á porta das [illegible] S. Julião da Barra, a secar a tinta á direita, três resguardos de canhão.

[illegible] a sentinela, o soldado que nos guia ao cabo, depois o cabo que nos manda para o oficial de dia. O terreno lá dentro é grande e é todo recortado de muros. Sobe-se uma ladeira que tem duas paredes e um arco. A torre é esguia. Ou tem um relogio ou um sino, não reparámos bem. Tem duas armaduras de ferro, [illegible] azulejos antigos, que [illegible] imagens. [illegible] meio do caminho empedrado, casas modestas que [illegible] um pateo discreto.

O tenente coronel Leitão tem muita consideração pela imprensa, mas ainda mais pelos regulamentos. O *Diario de Lisboa*, com o seu melhor sorriso, a sua maior diplomacia e os seus mais belos argumentos de ocasião, não conseguiu avançar por este lado. Os presos não estão incomunicaveis. No entanto ninguem lhes pode falar, a não ser nos dias determinados pelo regulamento do forte: domingos e quartas. As familias, algumas, lá foram e conseguiram obter mais do que o *Diario de Lisboa*. Mas compreende-se:

—Muitas nem sabiam o que se passava... Vieram trazer roupas, mesmo comida... A'manhã, ao seu dispôr.

* * *

A' meia noite a sentinela que guarda o portão do forte é rendida. Passam-se minutos. A soldadesca está a postos; o portão fechado. Ouve-se a buzina dum automovel. Brada a sentinela:

—Quem vai lá?

O primeiro a chegar é o sr. Procopio de Freitas. Vem fardado, a sua face bronzeada tem dureza. Com voz seca comanda aos soldados que lhe levem para cima as malas de mão que o «chauffeur» lhes entrega. Ao lado, outro oficial de marinha da mesma patente, o sr. Moreira Rato. A estrada é longa e tem percalços. Veio armado de pistola. Uma certa demora; não se grita ás armas. Aparecem soldados, abre-se o portão e o sr. Procopio de Freitas entra. Ha pouca luz, só uma lampada electrica ilumina o local. Faz-se a marcha em silencio; junto da Torre o sr. tenente Loureiro recebe o sr. Procopio de Freitas. Continencias, cumprimentos breves; lá em cima, numa casa larga pintada de amarelo, ilumina-se uma janela: a prisão.

Depois outro automovel, o segundo; aparece o terceiro, o quarto. São quatro horas. Os automoveis agora entram na praça.

Os srs. Cortez dos Santos e Camilo de Oliveira, em automovel da G. N. R. Foram presos no quartel do Carmo. Acompanha o sr. Cortez dos Santos, segundo parece, um seu tio que é oficial da mesma patente.

O chefe do estado maior da G. N. R., mão nos copos da espada, faz a continencia. A viagem fatigou-o um pouco; o ar do mar corta; na sua face, há a brancura do cansaço. Em cima, junto á Torre, o tenente Loureiro espera-o... Um aperto de mão breve e seco.

—Para onde?

—Acolá! Acompanho V. Ex.ª.

Depois os outros dois [illegible] ultimos presos: os srs. Loureiro [illegible] estado maior da G. N. R., e [illegible].

* * *

Todos os presos têm [illegible] de suas familias. O sr. Camilo [illegible] visitado pelos seus irmãos. [illegible] sr. Cortez dos Santos, num [illegible] G. N. R., visitaram seu filho, [illegible] bastante tempo.

E mais não soube hoje o *Diario* [illegible]

* * *

Tem corrido hoje com [illegible] que se iam efectuar mais prisões, [illegible] tações oficiais, segundo nos [illegible] consta a tal respeito.

* * *

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque ouviu hoje o construtor civil [illegible] beiro.

Uma nota oficiosa da presidencia do governo

A's 17 e 30, da presidencia do ministerio recebemos a seguinte nota oficiosa:

Tendo o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, que, encarregado das investigações [illegible] crimes de [illegible] de outubro, [illegible]

"AS PRISÕES EFECTUADAS [illegible] LIBERDADE POLITICA DO QUE [illegible] DE JUSTIÇA"

DIZ AO "DIARIO DE LISBOA" [illegible] revolucionario, o movimento [illegible]

[illegible] foi feita com [illegible] entrevistado, que é o sr. Afonso de Macedo, preso apenas um [illegible] por um nosso colega da manhã, está [illegible].

A [illegible] no gabinete de inspector da administração da Exploração do Porto de Lisboa. O cargo é pomposo mas o seu proprietario é modesto. Afonso de Macedo, [illegible] republicano, pessoa esperta, e o tipo do bom [illegible] que na cidade [illegible] se deixar prender pelos encantos maquilhados da Politica.

* * *

Pois a entrevista foi feita com intermitencias porque o telefone tilintava constantemente e a porta do gabinete se abria de minuto a minuto: pessoas que supunham Afonso de Macedo encarcerado.

[illegible]

—O que pensa das prisões de hoje?

[illegible] Camilo de Oliveira. [illegible]

efectuadas as prisões e [illegible] do dr. Alexandrino de Albuquerque [illegible] rem, segundo se dizia, ao maximo sigilo [illegible] afirmava por toda a parte: —[illegible] fulano de tal e fulano da tal [illegible] bairro de Lisboa, muito meu conhecido, alguem se não fatigava de espalhar: —Agora é que vai ser apanhado «peixe grosso»...

—Mas o capitão Camilo de Oliveira...

—E' um perseguido. Lembra-se da primeira tentativa de movimento revolucionario abortada durante o ministerio Antonio Granjo? Foi ele quem evitou a sua eclosão. Numa casa da rua [illegible] [illegible] Camilo de Oliveira [illegible] se [illegible] que já tivessem sido cometidas [illegible] e todas as «ligações». Pois foi preso, [illegible] dos serviços da Guarda, e mais tarde transferido para Setubal. [illegible]

[illegible]

—Sabe que [illegible] cafés que a [illegible] tunda, na noite de [illegible] mesas secretas [illegible] deiros, para lhes permitir a pratica [illegible] bios?

—E' falso! Infame! Não houve concentração especial no Parque. Houve três concentrações de tropas na cidade que [illegible] desde o inicio do movimento [illegible] ciam ao seu plano traçado pelo sr. [illegible] dos Santos.

E o sr. Afonso de Macedo desenvolveu largamente o plano revolucionario, [illegible] sobre uma folha de papel as posições das forças revoltosas. Falou com tanto [illegible] me e convicção que o jornalista, [illegible] fica, não poude abster-se de lhe dizer no final da palestra:

—Creia que me sinto revolucionario—de lapis e papel...

5 [illegible] ULTIMAS NOTICIAS 5 [illegible]

A greve das classes maritimas

Terça ou quarta feira [illegible] se-ha a greve geral

Continua sem solução a greve das classes maritimas de longo curso, tendo a comissão delegada dos grevistas estado no Ministerio da Marinha, a fim de conferenciar com o respectivo ministro, o que não conseguiu por este senhor se encontrar fóra.

Os vapores dos Transportes Maritimos encontram-se com praças da armada a bordo, em substituição do pessoal grevista.

Este facto foi comunicado á federação maritima, para que ela determine [illegible] mente a paralização de todo o serviço maritimo, devendo a greve das restantes classes ser declarada na terça ou quarta feira.

A tripulação do vapor *Portugal* que hoje chegou ao Tejo, deve abandonar o serviço na proxima segunda-feira.

O pessoal continua em sessão permanente na séde dos seus respectivos sindicatos.

Até segunda-feira não se [illegible] *démarches* junto das instancias superiores.

Ordem publica

A policia e a guarda republicana receberam ordem para estar de prevenção durante a noite.

As eleições na ilha da Madeira

Uma carta [illegible] por [illegible]

Sr. redactor.—[illegible] de ver publicada no seu jornal a informação [illegible] [illegible] que nenhum [illegible] terrena [illegible] ção do poder [illegible] os que [illegible] e lhes [illegible] —De V., etc., [illegible] *Carlos Olavo, Pedro* [illegible] *e* [illegible], candidatos eleitos pelo circulo do Funchal.

NA RUA AUGUSTA

Está manhã rebentou uma bomba de clorato de potassa debaixo dum carro electrico na rua Augusta, não tendo havido consequencias, a não ser o susto que sofreram os passageiros.

Casamento elegante

Realizou-se hoje na capela do palacio da senhora D. Joana São Mamede [illegible] e do sr. Carlos Nunes Teixeira o casamento de sua gentil filha D. Magda com o sr. conde de [illegible].

OS CUMPRIMENTOS DA G. N. R.

AO MINISTRO DO INTERIOR

Hoje, pelas 15 horas, o sr. presidente do ministerio e ministro do interior recebeu os cumprimentos da oficialidade da G. N. R., que se fez representar largamente. O general comandante sr. Vieira da Rocha pronunciou breves palavras de saudação, tendo o sr. Antonio Maria da Silva salientado a necessidade da G. N. R. continuar a preocupar-se exclusivamente com a manutenção da ordem, auxiliando todo e qualquer governo, desde que a sua constituição obedeça ás determinações oficiais. De seguida, o sr. Vieira da Rocha apresentou, um por um, os oficiais presentes.

MONUMENTAL CLUB

(PALACIO DE S. LUIZ)

HOJE — Estreia da afamada bailarina — HOJE RAGEL

AS 5.as E DOMINGOS — CHÁ-TANGO

TODOS OS DIAS — ALMOÇOS E JANTARES-CONCERTO

MAGNIFICO SERVIÇO DE RESTAURANT

QUINTA-FEIRA, 19 — GRANDIOSO BAILE DE MASCARAS